



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
SÉCULO		DIÁRIO DE LISBOA	
JORNAL DO COMÉRCIO		CAPITAL	
DIA		REPÚBLICA	
DIÁRIO		JORNAL NOVO	18. SET. 1979
PRIMEIRO DE JANEIRO		LUTA	
JORNAL DE NOTÍCIAS			
COMÉRCIO DO PORTO			

A angústia de Maria de Lourdes Pintasilgo

por Mário de Oliveira *

Um rio que se ramifica em numerosos canais tem pouca profundidade. Pouca profundidade teve a entrevista de M. L. Pintasilgo na T.V. que foi uma autêntica deslusão.

Disse que não estava isolada e que até recebia muitas cartas. Fabuloso. Também recebeu os parceiros sociais e os partidos numa semana cheia de trabalho e preocupações.

Com esta sua entrevista chegamos à meta da nossa desesperança.

Para nós esta entrevista teve apenas um mérito: gostei mais de ver a nossa «premier» no pequeno «ecran» da T.V. que na recepção do dia 7 na Embaixada do Brasil. Achei-a muito mais fotogénica e sobretudo com uma enorme capacidade para a pantomima. Efectivamente nesta sua entrevista M. L. Pintasilgo revelou-se sem dúvida na difícil arte de exprimir ideias por gestos. Com uma sábia mímica nas mãos e nos braços, sobretudo o seu enorme dinamismo de gestos da mão esquerda, em que algumas vezes o dedo indicador se movia em subtis e delicadas expressões, como a revelar a graça atribuída à sua mimografia.

Mas, o ponto alto do seu talento para a pantomima — onde os

gestos tiveram uma perfeita movimentação das suas ideias — foi quando o locutor lhe perguntou a razão da alta dos preços. Aqui M. L. Pintasilgo revelou todo o seu talento estesiómetro, e disse ter ficado muito angustiada durante dias e noites, mas teve que ser para a nossa economia entrar no «carril» lógico.

Não sei que espécie de angústia sentiu M. L. Pintasilgo, se existia ou não.

Para Kierkegaard, por exemplo, a angústia é o maior factor da criação. Toda a existência de Kierkegaard realizou-se em crises permanentes de angústia, e sempre em plena criação.

No pequeno «ecran» da T.V. M. L. Pintasilgo com a sua superior pantomima revelou-se sem dúvida uma artista nessa difícil arte de expressão por gestos. E, como o artista tem que sentir no acto de criar uma satisfação de tendências idealistas, emoção, transformação da realidade em sonhos e dos sonhos em realidade, é possível que M.L. Pintasilgo sentisse angústia quando fazia a sua interpretação mímica para milhares de portugueses, que já estavam angustiados, mas sem processo criador.

Maria de Lourdes Pintasilgo ficou também muito angustiada

por saber que existem ainda no nosso país um milhão de pessoas que recebem apenas por mês 1500\$00, «e isto é um drama para nós», e por isso resolvemos aumentar alguns preços. Maravilhoso, não é?

Disse também que a França e a Espanha aumentaram os seus preços com a subida do petróleo, mas esqueceu-se de dizer quais os salários desses países. Um engenheiro de primeira classe em Espanha — cito a sua profissão — ganha cinco vezes mais que um engenheiro da mesma categoria em Portugal. Sabe isto a Senhora Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo?

Mas, voltamos novamente à sua angústia, aquela que precisamente sentiu quando resolveu aumentar os preços, e que não a deixou dormir durante noites.

O que a Senhora Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo sentiu não foi angústia, foi temor que é coisa bem diferente.

O grande Stendhal chamou à angústia inventora de sensações inéditas, porque é na realidade na angústia que se encontra afinal todas as possibilidades do ser e o encontro absoluto da descoberta da autêntica personalidade criadora.

Por esta razão é que a angústia

abre ao artista — mesmo que pratique a pantomima — a sua possibilidade criadora, porquanto aquele tumultuoso jogo emocional que ele sente em crise altera momentaneamente o seu equilíbrio psíquico, ou o trans-torno da base somática que ilumina de modo repentino os obscuros cantos da alma. Por esta razão Vossa Excelência, Senhora Engenheira D. Maria de Lourdes Pintasilgo não sentiu nenhum tipo de angústia, do aumentar os preços a este caos da vida nacional com bússola já perdida e sem norte há mais de cinco anos. O que Vossa Excelência sentiu, e repito, foi simples temor.

A Senhora Engenheira D. Maria de Lourdes Pintasilgo que é hábil em palavras, deve saber que cada palavra tem a sua semântica, e essa não pode ser alterada, mesmo quando se altera sem dó nem piedade todo o sentido humano, económico e social da vida nacional.

Se Vossa Excelência tivesse sentido a verdadeira angústia, realizava com certeza uma obra criadora, porquanto a criatividade em todos os aspectos é sempre acompanhada pela angústia, e não pelo temor que apenas dá fortes abalos psíquicos e emocionais.

A inquietação, mesmo quando as nossas ambições são satisfeitas, prova que fomos criados para alguma coisa mais importante do que falar só nos nossos actos, e das nossas vaidades pessoais. A vaidade é sempre indício de um antagonismo de colisão entre a humildade autêntica, e a verdade de não ter razão para a vaidade. Como disse S. Tomás de Aquino: «A natureza do homem é demasiado nobre para que esses joguetes temporais o satisfaçam por muito tempo».

Senhora Engenheira D. Maria de Lourdes Pintasilgo, se quer sentir angústia — não vital, mas sim existencial — viaje incógnita por esse país fora, e veja como vive este pobre povo, sem nenhuma estruturas urbanas, nem económicas, nem culturais, nem sociais, porque não existe quem governe, apenas existe quem fala e quem se preocupa com a sua própria imagem num narcisismo arrepiante. Assim, verá, que a «sua percepção das necessidades» é uma verdadeira calamidade.

- arquitecto.